



Pelo buraco escancarado onde antes havia a sacada, você vê que a acácia derrubada começa a crescer novamente. É um claro sinal de que você terá que levar sua vida a sério de agora em diante.

Você pega um travesseiro e o ajusta sob os ombros, elevando a cabeça para que o sangue em seu cérebro possa descer para o coração, clareando um pouco seus pensamentos. De vez em quando, sua mãe o ajustava desta maneira.

Manhãs nubladas estão sempre repletas de novas intenções. Mas hoje é o primeiro dia do novo milênio, e por isso a aurora nunca esteve tão carregada delas.

Embora os gelos do inverno ainda não tenham chegado, a brisa leve que lhe atinge o rosto parece bastante fria.

Um cheiro de urina ainda paira no quarto. Ele emana de seus poros quando a luz do sol bate em sua pele.

Você olha para fora. O ar da manhã não se eleva do chão como no dia anterior. Em vez disso, ele desce do céu sobre as copas das árvores, desliza lentamente entre as folhas e passa pela carta manchada de sangue presa nos galhos, absorvendo o orvalho ao cair.

Antes da chegada do pardal, você quase deixara de pensar no ato de voar. Contudo, no inverno passado, ele chegou planando pelo céu e pousou diante de você, ou, mais precisamente, no parapeito da sacada coberta adjacente a seu quarto. Você sabia que as vidraças imundas estavam cobertas de formigas mortas e poeira, e emitiam um cheiro tão azedo quanto o das cortinas. Mas o pardal não tinha asco. Ele saltou para dentro da sacada coberta e sacudiu as penas, lançando um doce aroma de casca de árvore no ar. Depois, voou para o interior de seu quarto, pousou sobre seu peito e ali permaneceu, como um ovo frio.

Seu sangue se torna mais quente. Os músculos de suas pálpebras vibram. Seus olhos logo estarão cheios de lágrimas. Saliva se acumula no palato mole do fundo de sua boca. Um reflexo é provocado e o palato se ergue, fechando a passagem



nasal e permitindo que a saliva flua para sua faringe. Dormentes por tantos anos, os músculos do esôfago se contraem, projetando a saliva para dentro do estômago. Um sinal bioelétrico dardeja dos neurônios de seu córtex motor como uma centelha de luz, descendo por sua espinha dorsal até chegar à fibra muscular na ponta de seu dedo.

Você já não precisará recorrer a suas memórias para atravessar o dia. Isto não é um efêmero clarão de vida antes da morte. É um recomeçar.

“Uaa, uaaah...”

O choro sufocado de um bebê atravessa o ar fétido. Um minúsculo corpo nu parece tremer sobre o frio chão de concreto... Sou eu.

Eu me lancei do meio das pernas de minha mãe, minha cabeça latejando de dor. Espalmo a mão na poça de sangue que se acumula a meu redor.. Minha mãe sempre contava como foi forçada a usar uma camiseta bordada com os dizeres ESPOSA DE UM DIREITISTA quando me deu à luz. O médico de plantão não ousou oferecer ajuda para trazer este “filho de um cão capitalista” ao mundo. Felizmente, minha mãe desmaiou depois que a bolsa d’água se rompeu, e não senti dor alguma quando eu me empurrei para fora e nasci no corredor do hospital.

E agora, tantos anos depois, também me encontro inconsciente num hospital. Só o ocasional ruído das ampolas de injeção sendo rompidas me diz que ainda estou vivo.

Sim, sou eu. O filho mais velho de minha mãe. Os olhos de um sapo enterrado cruzam minha mente. Ainda estou vivo. Fui eu quem aprisionou o sapo num jarro e o enfiou na terra... O corredor escuro lá fora é muito longo. No final fica a sala de operações, onde corpos são manipulados como meras massas de carne... E a moça que vejo agora — qual é o nome dela? A-Mei. Ela caminha em minha direção, apenas uma silhueta branca. Ela não tem cheiro. Seus lábios tremem.

Estou deitado numa cama de hospital, exatamente como meu pai esteve antes de morrer. Eu sou Dai Wei — a semente que ele deixou para trás. Estou começando a recordar coisas? Então provavelmente estou vivo. Ou talvez eu esteja desaparecendo, vislumbrando as ruínas de meu passado uma última vez. Não, não é possível que eu esteja morto, eu ouço ruídos. E a morte é silenciosa.

— Ele só está fingindo de morto... — minha mãe murmura para alguém.
— Não consigo comer este *pak choi*. Está cheio de areia.



Ela está falando de mim. Ouço um barulho junto a meu ouvido. É o cólon de alguém, roncando.

Onde está minha boca? Meu rosto? Vejo um borrão amarelo diante de meus olhos, mas ainda não consigo sentir cheiro algum. Ouço um bebê chorando em algum lugar distante, e o som ocasional de água quente sendo armazenada numa garrafa térmica.

A luz amarelada vacila. Talvez um pássaro tenha acabado de cruzar o céu. Sinto que estou acordando de um longo sono. Tudo soa novo e desconhecido.

O que aconteceu comigo? Vejo-me de mãos dadas com Tian Yi, fugindo por nossas vidas. Será uma lembrança? Isto realmente aconteceu? Os tanques avançam em nossa direção. Há fogo ardendo por todo lado, e gritos... E agora? Perdi os sentidos quando os tanques se aproximaram de mim? Este ainda é o mesmo dia?

Quando meu pai jazia no hospital, esperando pela morte, o fedor dos lençóis sujos e de casca podre de laranja às vezes era forte o bastante para mascarar o cheiro penetrante das camas de metal enferrujadas. Quando o céu do crepúsculo se fechava sobre as janelas, as cortinas imundas se mesclavam à luz dourada e o quarto se tornava ligeiramente mais transparente, e eu ao menos podia sentir que meu pai ainda estava vivo... Naquela última tarde, não ousei encará-lo. Em vez disso, fiquei virado para a janela e fitei o lema em vermelho — ERGAMOS A GLORIOSA BANDEIRA RUBRA DO MARXISMO E AVANCEMOS COM CORAGEM — que pendia do teto do prédio de fundos do hospital, e a pequena nesga de céu acima...

Durante os últimos dias da vida de meu pai, ele falou sobre os três anos que passou como estudante de música nos Estados Unidos. Ele mencionou uma moça da Califórnia que conheceu quando estava lá. Ela se chamava Flora, o que significa flor em latim. Meu pai disse que quando Flora tocava violino, ela baixava os olhos para o chão e ele admirava seus longos cílios. Ela prometeu visitá-lo em Pequim depois que deixasse a faculdade, mas, na época em que se formou, a China já se tornara um país comunista, e nenhum estrangeiro tinha permissão de entrar.

Eu me lembro do molar podre e enegrecido na lateral de sua boca. Enquanto falava conosco no hospital, ele passava a mão em seu lençol de algodão e no cateter urinário inserido em seu abdome, escondido sob os panos.

— Tecnicamente falando, ele é um vegetal — diz uma enfermeira à minha direita. — Mas pelo menos o fluido intravenoso ainda penetra em suas



veias. É um bom sinal. — Ela parece falar através de uma máscara facial e estar rasgando um pedaço de musselina. Os ruídos vibram por mim, e ganho uma vaga noção do tamanho e do peso do meu corpo por um momento.

Se sou um vegetal, devo ter passado algum tempo deitado aqui, inconsciente. Isto significa que estou acordando agora?

Meu pai aparece novamente. Seu rosto está tão nebuloso que é como se eu o visse através de uma peneira. Meu pai também estava preso a um soro intravenoso quando deu seu último suspiro. Como a vidraça de uma janela, sua íris esquerda refletia o topo do prédio de fundos do hospital, um fragmento de céu e alguns galhos de árvore. Se eu morresse agora, meus olhos fechados não refletiriam coisa alguma.

Talvez eu só tenha mais alguns minutos de vida, e isto é apenas uma recuperação momentânea da consciência antes da morte.

— Ah! Provavelmente estou perdendo meu tempo aqui. Ele nunca vai acordar. — A voz de minha mãe soa próxima e distante a um só tempo. Ela paira no ar. Talvez meu pai tenha ouvido os sons desta maneira pouco antes de sua morte.

Naqueles últimos momentos de sua vida, a máscara de oxigênio em seu rosto e o tubo de plástico inserido em seu nariz pareciam supérfluos. Se ele não tivesse enfermeiras regularmente removendo o catarro de sua garganta, ou inserindo leite em seu estômago através de um tubo de alimentação de borracha, ele teria morrido naquela cama de metal várias semanas antes. Quando ele estava prestes a partir, senti seus olhos concentrados em mim. Eu estava puxando a camisa de meu irmão. As migalhas de bolo em suas mãos se espalhavam sobre o lençol. Meu irmão estava tentando subir na cama. A chave que pendia de seu pescoço tilintou contra a armação metálica da cama. Eu dei um repelão tão forte na alça de sua mochila de couro que a rompi no meio.

— Desça daí! — gritou minha mãe, os olhos vermelhos de fúria. Meu irmão irrompeu em lágrimas. Eu fiquei em silêncio.

Um segundo depois, meu pai afundou na jaula do equipamento médico que o cercava e adentrou minha memória. A vida e a morte convergiram dentro de meu corpo. Tudo me pareceu muito simples.

— Ele se foi — disse a enfermeira, sem tirar a máscara do rosto. Com a ponta de seu sapato, ela chutou de lado os palitos e bolas de algodão com que limpava o catarro dele, e depois disse à minha mãe para ir à recepção e com-





pletar as formalidades exigidas. Se o corpo não fosse levado ao necrotério antes da meia-noite, minha mãe teria que pagar por mais uma noite de internação no hospital. O Diretor Guo, gestor de pessoal da companhia de ópera à qual meus pais pertenciam, aconselhou minha mãe a requerer a reabilitação política póstuma para meu pai, enfatizando que o dinheiro da indenização poderia ajudar a cobrir as despesas do hospital.

Meu pai parou de respirar e tornou-se um cadáver. Seu corpo jazia na cama, tão grande quanto antes. Eu me coloquei a seu lado, com seu relógio em meu pulso.

Após a cremação, minha mãe parou no ponto de ônibus embalando a urna de cinzas em seus braços e dizendo:

— As últimas palavras de seu pai foram que ele queria suas cinzas enterradas nos Estados Unidos. Isto é direitismo! Mesmo à beira da morte, ele se recusou a se arrepender.

Quando nosso ônibus se aproximava, ela exclamou:

— Pelo menos de agora em diante não teremos que viver num estado de constante pavor!

Ela guardou a urna de cinzas sob sua cama de ferro. Antes de ir dormir, às vezes eu a puxava e olhava para dentro. Quanto mais medo eu tinha das cinzas, mais queria olhar para elas. Minha mãe dizia que se um amigo dela um dia partisse da China, ela lhe daria a urna e pediria que ele a enterrasse no exterior, para que o espírito de meu pai pudesse se elevar num céu estrangeiro.

— Você deve partir e estudar lá fora, meu filho — meu pai sempre repetia quando estava no hospital.

Pois bem, ainda estou vivo... Posso estar jogado num hospital, mas ao menos não estou morto. Fui apenas enterrado em vida dentro de meu próprio corpo... Lembro-me do dia em que peguei aquele sapo. Nosso professor nos disse para pegar sapos, para que mais tarde pudéssemos estudar seus esqueletos. Depois que capturei meu sapo, eu o preendi num jarro de vidro, fiz um buraco na tampa de metal e o enterrei. Nosso professor disse que os vermes e formigas penetrariam no jarro e comeriam toda a carne dentro de um mês, deixando para trás um esqueleto limpo. Eu comprei uma solução alcoólica, pronto para limpar quaisquer fragmentos de carne ainda presos aos ossos. Mas antes que o mês acabasse, uma família que vivia no térreo de nosso prédio construiu uma cozinha sobre o buraco onde eu o enterrara.





O sapo deve ter virado um esqueleto há muitos anos. Seus ossos continuam aprisionados no jarro, e eu sigo enterrado em meu corpo, esperando para morrer.

Uma parte de seu cérebro ainda está viva. Você vaga de um lado a outro no espaço entre sua carne e suas memórias.

Observo minha mente e vislumbro o vago esboço de uma cena. É a noite de verão de 1980 em que meu pai voltou para casa com a cabeça raspada depois de ser finalmente liberado do sistema de “reforma-pelo-trabalho” no qual fora confinado durante os 22 anos anteriores. Ele entrou em nosso quarto do bloco de dormitórios da companhia de ópera e atirou sua mala empoeirada no canto como se fosse um saco de lixo.

Minha mãe não foi receber meu pai na estação, mesmo tendo quase certeza de que ele chegaria naquele trem.

Ela pegou as roupas, o chapéu, o cinto e os sapatos de sola de borracha que meu pai despiu antes de ir dormir naquela noite e os despejou na lixeira, junto com a caneca de metal, a toalha de rosto e a escova de dente. Ela tentou jogar fora o diário que ele ocultara entre páginas de jornal, mas meu pai o tomou dela, dizendo que precisaria daquilo para as memórias que planejava escrever.

Minha mãe o obrigou a jurar que o diário não continha a mais mínima crítica ao Partido Comunista ou ao sistema socialista. Depois que meu pai lhe assegurou que não era o caso, ela concordou em esconder o diário no baú de madeira sob sua cama.

Minha mãe passou todo o dia seguinte esfregando o quarto, tentando remover o cheiro de mofo que meu pai trouxe consigo.

O jantar de comemoração que tivemos naquela noite foi uma ocasião feliz. Meu irmão e eu tivemos copos colocados diante de nós cheios de vinho de arroz. Minha mãe subiu num banquinho para trocar a lâmpada de baixa voltagem por uma de quarenta watts. Tudo ficou tão claro que eu pude ver a teia de aranha no canto da sala.

Minha mãe cacheou os cabelos com frisadores quentes. Mandou meu irmão recolher seu trabalho de casa. Quando ele terminou, a mesa parecia bem maior. Os quatro nos sentamos diante de um prato fumegante de patas de porco estufadas. Também havia um prato de amendoins torrados sobre a mesa, e uma tigela com salada de pepino e aletria que eu comprei no mercado.





Eu costumava odiar meu pai pela desgraça que sua condição política nos impingiu. Por causa dele, fui isolado e humilhado na escola. Um dia, quando meu irmão e eu estávamos atravessando a cantina da escola na hora do almoço, dois garotos mais velhos viraram no chão o prato de frango frito que eu acabara de comprar e gritaram: “Você é um cachorro que nasceu de um membro das Cinco Categorias Negras. Por que acha que tem direito de comer carne?” Eles então puxaram minhas orelhas, bem na frente de minha amiga Lulu, que vivia no andar térreo de nosso bloco de dormitórios.

Meu pai ergueu seu copo para minha mãe e disse:

— Que você permaneça jovem e bela para sempre!

— Você ainda não aprendeu a lição, seu direitista? — devolveu minha mãe. — O que você tem na cabeça, vindo com uma baboseira burguesa como essa?

Ele estava sentado num travesseiro na beira da cama. Quando tirou os óculos, seus olhos pareceram muito maiores. Seu rosto, que lembrava um saco de papel amassado, estava iluminado pela felicidade.

Sua prisão nos campos de reforma-pelo-trabalho nos causou muita dor. Ele lançou uma sombra sobre nossa família, ligando-nos aos aspectos lúgubres e negativos da vida: o campo, as pulgas e os criminosos contrarrevolucionários. Mas, naquela noite de verão, era como se toda a nossa infelicidade estivesse prestes a acabar. Eu já não sentia vergonha de sua aparência bruta e desmazelada. Eu sabia que muito em breve teria um pai com a cabeça cheia de cabelos novamente.

Ele tomou um gole do vinho de arroz, ergueu os olhos para mim com uma expressão curiosa que eu jamais tinha visto antes, e disse:

— Como você cresceu tanto de uma hora para outra?

Ele parecia ter esquecido que, quando nos visitara em 1976, pouco antes do terremoto, eu já alcançava seus ombros.

Meu pai me perguntou o que eu queria fazer da minha vida. Em suas cartas, ele sempre me dizia que eu deveria me alistar no Exército Popular de Libertação, e então respondi que era isso que queria fazer.

Ele balançou a cabeça e disse:

— Não. Eu só escrevia isso para que minhas cartas fossem aprovadas pelos censores do campo. Você tem que aprender inglês e conseguir um diploma numa universidade. Seja discreto, fique na sua. Depois, se tiver uma chance, vá para o exterior, torne-se um cidadão do mundo. Você sabia que os



britânicos podem pegar um voo para os Estados Unidos quando bem querem, e que os alemães podem andar livremente pelas ruas de Paris? Uma vez que você seja um cidadão internacional, poderá viajar por todo o mundo.

— Não corrompa seus filhos com suas ideias liberais, Dai Changjie — retrucou minha mãe. — Todos os ativistas envolvidos naquele Movimento do Muro da Democracia no ano passado estão na cadeia agora. — Ela então fitou meu irmão e disse: — Não é assim que se seguram os palitos, Dai Ru! Ouça, feche seus dedos sobre o alto, assim. — Ela pegou um amendoim com seus palitos e o levou à boca.

— Se você não tivesse colocado seu despertador para tocar na hora errada, estaria vivendo nos Estados Unidos agora — comentou meu pai. Olhando para mim, ele explicou: — Seu avô, pai de sua mãe, comprou para ela uma passagem para Nova York, mas ela perdeu o navio por meia hora. Se ela tivesse chegado a tempo, hoje seria uma chinesa de além-mar.

— Você foi para os Estados Unidos, mas no fim acabou voltando, não foi? — Um pedaço de amendoim estava colado ao lábio inferior de minha mãe. Com seus palitos, ela dividiu as duas patas de porco em quatro partes desiguais. Deu o maior pedaço a meu pai e arrancou a unha de meu pedaço para chupar.

— Era 1949. Os comunistas tinham acabado de libertar a China. Todo mundo estava voltando naquela época. Além do mais, nos Estados Unidos eu era apenas um membro qualquer de uma orquestra, mas aqui eu podia ser violinista principal da Companhia Nacional de Ópera...

— Sua arrogância foi sua desgraça. Depois de vinte anos nos campos de trabalhos forçados, você ainda fica lembrando seu passado. Já deveria ter virado um simples trabalhador a essa altura e ter aprendido a se contentar com seu quinhão e a cumprir suas responsabilidades de pai.

Enquanto meus pais se ocupavam com esta conversa, Dai Ru e eu acabamos com todos os amendoins que restavam no prato.

Meu pai cuspiu alguns pedaços de ossos e os passou para que eu e meu irmão continuássemos a chupá-los. Encontrei um dos dentes de meu pai entre os restos de carne. Ele já havia perdido a maioria.

Ele tomou o dente de minha mão e o examinou, tocou suas gengivas e depois colocou o dente sobre a mesa.

— Por todos estes anos, sonhei em voltar para casa. Quando finalmente chego, já não tenho dente nenhum. — Ele voltou o olhar para meu irmão e perguntou: — Em que ano da escola você está agora?



— Terceiro ano. Meu professor disse que você é um direitoista burguês. Eu disse que você é um prisioneiro do campo de trabalhos forçados. Qual é o seu trabalho exatamente, pai?

Meu pai ergueu as sobrancelhas e respondeu:

— O Partido me impingiu este rótulo de direitoista. Eu não tive escolha a não ser aceitá-lo. Mas não se preocupe, vou assegurar que você vá para Harvard, meu filho. No inverno, o campus fica coberto por um metro de neve. Esquilos correm por todo o lugar. As cadeiras das salas de aula têm estofamento macio. Quando você se sentar numa delas, jamais vai querer levantar... É verdade que aqui as pessoas voltaram a ter permissão para ter sofás em casa?

— Ah! Eu odeio neve — respondi. — Meus pés ficam tão frios.

— Não fique bufando desse jeito, Dai Wei, ou será infeliz pelo resto da vida. — Minha mãe sempre dizia isto a mim e a meu irmão quando soltávamos um longo suspiro. Voltando-se para meu pai, disse: — Quem tem contatos pessoais com chefes de fábricas pode conseguir algumas molas e vigas de aço, comprar um pouco de couro artificial e improvisar duas poltronas por menos de cinquenta yuans. A maioria dos solistas da companhia de ópera tem sofás e poltronas agora... Vá buscar o molho de soja no corredor, Dai Wei. — Minha mãe pegou um leque sobre a mesa e o abriu.

— Sofá! Eu quero um sofá americano! — gritou meu irmão.

— Primeiro vamos precisar de uma sala — respondi. — Meus colegas de classe têm salas de estar, com televisões, máquinas de lavar e geladeiras.

— Tudo que herdamos foi esta cama de metal — comentou minha mãe. — Eu não ganhei nem um bracelete de cobre. Quando o dinheiro da indenização sair, vamos comprar uma televisão. Se seu pai entrar em contato com o tio dele nos Estados Unidos, poderemos converter o dinheiro em certificados de câmbio e comprar uma televisão japonesa na Loja da Amizade. Sente-se direito quando estiver comendo, Dai Wei!

— Está vendo, o mundo mudou — disse meu pai com um sorriso. — Até você está admitindo que as coisas estrangeiras são melhores.

Também percebi que ter um parente no exterior não era algo de que sentir vergonha. Na verdade, isto agora já tinha virado quase motivo de orgulho.

— Eu apoio a reforma política de Deng Xiaoping — disse minha mãe. — Não sou como esses cabeças-duras que se apegam ao passado. O Partido pro-





meteu erguer os padrões de vida do país a um nível de prosperidade moderada até o ano 2000. Hoje, ele dá a todos nós a chance de ter uma vida melhor.

Minha mãe falava com meu pai num tom mais brando do que ela usara na noite anterior.

— Vi dois estrangeiros na rua hoje, pai — disse meu irmão. — Eles tinham olhos amarelos.

— Espero que você não tenha seguido os dois — exclamou minha mãe severamente. — O comitê do bairro nos convocou outro dia e nos disse que, se víssemos estrangeiros na rua, não deveríamos ficar aglomerados em volta deles e olhando sem parar.

— Eles estavam andando na calçada quando eu saí do colégio. As pegadas eram imensas.

— Se há estrangeiros andando nas ruas de Pequim, não levará muito tempo até que o povo chinês tenha permissão para viajar novamente. Amanhã vou escrever para meu tio nos Estados Unidos. Ele tem duas macieiras em seu jardim. No outono, caem tantas maçãs na grama que ele acaba deixando a maioria apodrecer. — Meu pai pegou uma fatia de pepino que meu irmão deixou cair sobre a mesa e a jogou na boca.

— Pai, eu nunca vi um esquilo. — Meu irmão sempre deixava cair comida na mesa quando comia. Minha mãe lhe dava um safanão sempre que isso acontecia, mas nunca teve qualquer efeito.

— Não comam de boca aberta — gritou minha mãe. — Vocês fazem um barulho igual ao dos cachorros. — Rapidamente, eu e meu irmão fechamos as bocas e continuamos a mastigar.

— Mãe, hoje Dai Ru jogou pedras nos pombos outra vez — comentei, de súbito recordando o incidente. — A velha do térreo ficou furiosa. No fim, ela teve que sair e arrastá-lo para fora. — Eu sempre tinha que pedir desculpas aos outros pelo comportamento de meu irmão.

— Você vai destruir a janela de alguém se continuar com isso, e aí vai ter que pagar pelo conserto. — Minha mãe tornou a olhar para meu pai e disse: — Hoje, antes que as pessoas viajem, o governo permite que elas comprem três itens livres de impostos produzidos no país. Quem vende apenas dois deles no mercado negro pode fazer dinheiro bastante para durar um ano.

— Todos deveríamos ir para o exterior. Eu darei aulas de violino, você pode ensinar canto, os meninos irão para a universidade.

